

Cem anos de PETROLEO HERMANO

por Cassiano Viana

Durante a realização da Argentina Oil & Gas, nossos *hermanos* de Río de la Plata comemoram o centenário da exploração e produção no país.

SEGUNDA MAIOR ECONOMIA da América do Sul, a Argentina não é somente a terra da prata. Não é apenas o país fanático pelo futebol de Maradona, do Boca Juniors ou do River Plate, ou de grandes escritores como Adolfo Bioy Casares, Jorge Luis Borges, Manuel Puig e Julio Cortázar. Não é apenas a *calle* Florida, a Casa Rosada, a Plaza Mayo, a livraria Ateneo, o Café Torloni, o tango, os *alfajores* e personagens históricos como Che Guevara e Evita Perón.

A Argentina é também um dos poucos países do mundo que podem comemorar cem anos de exploração e produção de petróleo! Um país que vem tentando se reerguer após tantas idas e vindas e questões políticas que, obviamente, acabaram afetando sua vida econômica.

Realizada durante os dias 22 a 25 de outubro, na La Rural, Buenos Aires, a Argentina Oil & Gas (AOG) deste ano comemorou, justamente, os cem anos do descobrimento de petróleo e gás argentinos. A AOG aconteceu em clima de eleições presidenciais (realizada no dia 28 de outubro, três dias após o encerramento do evento).

Afinal eleita, a nova presidente da Argentina, Cristina Fernández de Kirchner, ex-primeira-dama, terá que enfrentar grandes desafios como o controle da inflação e dos gastos públicos, distribuição de renda, combate ao desemprego e garantia de energia, além de atrair novos investimentos estrangeiros para manter o forte ciclo de crescimento no país sul-americano.

Este foi o cenário onde se realizou a sétima edição da AOG.

Promovida pelo Instituto Argentino del Petróleo y del Gas (IAPG), a Argentina Oil & Gas, um dos mais importantes do setor e da América Latina, e que, assim como a nossa Rio Oil & Gas, acontece a cada



A AOG em números

30.000 m²

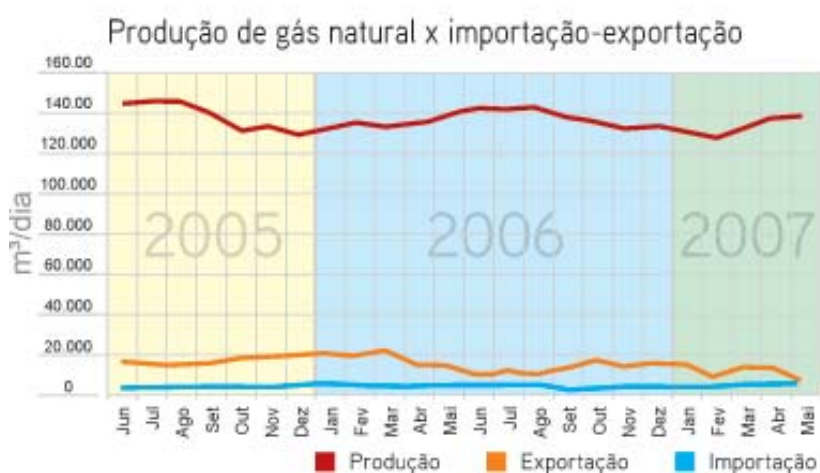
28 mil visitantes

600 empresas

470 estandes



Foto: Banco de Imagens TN Petróleo



dois anos, contou com uma exposição internacional de produtos e serviços, além de sediar o III Foro Internacional de Energía.

"A sétima edição de AOG tem um significado especial para o IAPG em função das comemorações do centenário de descobrimento de petróleo na Argentina, em um hoje distante 13 de dezembro de 1907", disse o presidente do Comitê Técnico da AOG 2007, **Carlos Cortizas**, durante a solenidade de abertura do evento.

"A reestruturação do setor energético requer novas propostas e os integrantes da indústria estão dispostos a escutá-las e debatê-las. A AOG representa um foro apropria-

do e idôneo para discutir da melhor forma de levar estas propostas a cabo", afirmou Cortizas.

"A energia é, hoje, no mundo, um tema permanente, sobretudo para a Argentina. Para manter as taxas de crescimento que nossa economia vem mostrando nos últimos anos é preciso uma indústria desenvolvida e forte. E é esse o desafio que a indústria de petróleo e gás tem de assumir: continuar brindando nosso país com a energia necessária para que seu crescimento seja contínuo novamente", declarou o vice-presidente do IAPG, Ernesto López Anadón, acrescentando que o centenário encontra a indústria de petróleo e gás na Argentina com um grau de desenvolvimento técnico e profissional comparável aos melhores do mundo.

O diretor geral do IAPG, **Roberto Cunningham**, destacou que o ano de 2007 "é um ano muito importante para a nossa indústria, já que se comemoram os cem anos do descobrimento, feito que apenas três países podem festejar até hoje", disse.



"Chegamos ao centenário do petróleo na Argentina no contexto de uma indústria com tecnologia avançada, segundo os parâmetros mundiais, e com um alto nível também em matéria de recursos humanos", avaliou.

Para referir-se ao desenvolvimento alcançado pelo setor e quantificar o impacto na economia do país, Cunningham afirmou que "neste momento o setor aporta alta porcentagem do superávit nas contas externas, realizando forte contribuição para o superávit fiscal".

Posteriormente, Cunningham se referiu ao Foro Internacional de Energía, por ele qualificado como um verdadeiro intercâmbio de conhecimentos experiências do qual participam, a cada dois anos, importantes profissionais, para analisar e debater as tendências do setor energético local e internacional.

O especialista lembrou que, simultaneamente a AOG 2007, se realizaria o 2º Congresso Argentino de Perfuração, Reparação, Terminação e Serviço de Poços, "no qual também contamos com altos níveis de excelência, já que se sabe que as modernas tecnologias de perfuração permitem incrementar os níveis de reserva", observou ele.

Cunningham também recordou que as bodas de ouro do IAPG, comemoradas neste ano, são ou-



tro motivo de celebração, porque sinalizam 50 anos ininterruptos de acompanhamento do desenvolvimento de uma indústria pujante como é a do petróleo e gás.

“Finalmente, a realização em Buenos Aires do International Gas Union (IGU), em 2009, evento que costuma reunir os mais importantes *players* da indústria de gás no mundo, mostra até que ponto a Argentina se instala como referência do setor no nível internacional e, nesse sentido, o IAPG tem cumprido meio século de inestimável contribuição”, concluiu.

A edição anterior, em 2005, contou com uma área total de 22.000 m², 303 expositores e quase 26 mil visitantes, entre autoridades, empresários, executivos e profissionais dos mais diversos setores, desde a comercialização à distribuição, passando pela pesquisa, exploração, transporte, perfuração, refino e SMS.

O espaço ocupado pela AOG 2007 (30.000 m²) foi 40% a mais que em 2005, enquanto que a quantidade de visitantes aumentou em 10%. Mais de 28 mil visitantes percorreram os corredores dos vários pavilhões das mais de 600 empresas que expuseram seus produtos em 470 estandes e

fizeram reuniões de negócios durante a realização da AOG 2007. O que demonstra o notável crescimento do evento, considerado o encontro de negócios mais importante da indústria de petróleo e gás na região.

Dentre os temas debatidos nas conferências e sessões técnicas da AOG 2007, estiveram desde a perfuração e terminação de poços, o tratamento, a transferência e a comercialização de gás e petróleo, o transporte marítimo e por dutos, a oferta energética mundial, o gás como *commodity*, o uso eficiente de energia e, obviamente, também os primeiros cem anos da indústria e as perspectivas futuras.

III Foro Internacional de Energía

“A Argentina nunca foi um país petrolero, mas não podemos esquecer que ao longo desses cem anos o setor de petróleo foi, é e será um produto de desenvolvimento da economia argentina”, disse Nicolás Gadano, gerente de Serviços de Estudos na YPF, da Argentina, na palestra que inaugurou a FIE 2007.

Após destacar os fatos mais importantes da história da indústria de petróleo na Argentina, o au-

tor de *Historia del petróleo en Argentina* assinalou os pilares da relação do setor e sua contribuição para a economia do país.

Segundo Gadano, o superávit das contas externas – resultado de maiores exportações que importações – que alcançam os U\$S 6 milhões ao ano, somado ao saldo favorável do setor energético, que aporta 50% do superávit das contas públicas, confirmam a contribuição do setor para a economia. “Nosso setor segue sendo um grande gerador de recursos fiscais”, disse. Segundo dados de 2005, a indústria fez um aporte fiscal de 3,5%, incluindo impostos.

Em relação à necessidade de gerar crescimento nas reservas de petróleo, Gadano lembrou que a Argentina não tem presenciado, nos últimos anos, grandes descobrimentos de petróleo. “A geologia não tem nos sido favorável. Infelizmente, o nosso esforço exploratório não vem se traduzindo em grandes descobrimentos”, avaliou.

A produção petrolero da Argentina passou em cem anos de 3 mil barris de petróleo para 350 mil barris diários na atualidade.

O descobrimento de petróleo foi no dia 13 de dezembro de 1907,



em Comodoro Rivadavia, acidentalmente – estavam buscando água durante um estudo de subsolo. O personagem precursor, para os argentinos, é o diretor de Minas da Nação, Enrique Hermitte.

No entanto, para Gadano, mais importante que o descobrimento foi o que aconteceu em 14 de dezembro, quando o presidente Figueroa Alcorta baixou um decreto de reserva. “Este foi o primeiro antecedente da exploração estatal do solo. Antes do decreto, a iniciativa privada podia explorar e explorar petróleo sem um marco legal que beneficiasse a nação”, lembrou.

Em 1922, foi nomeada a estatal de exploração petrolífera na Argentina como Yacimientos Petrolíferos Fiscales (YPF). Anos mais tarde, nasceram a YCF Yacimientos Carboníferos Fiscales e Gas del Estado.

Quando o descobrimento do petróleo completou seus primeiros 25 anos, foram promulgadas a Lei Orgânica da YPF e a primeira Lei do Petróleo, quando se estabeleciam os direitos, as condições de exploração e exploração, dentre outras regulamentações.

“Na década de 1940, o impacto da Segunda Guerra Mundial foi muito forte para nosso país, que

dependia da Europa. Naquela época, a produção nacional era de 42% do total. Foi então quando o presidente Juan Domingo Perón passou a estimular o uso de outras fontes de energia, colocando todos os esforços na promoção do gás natural e na construção de redes de gasodutos que pudessem levar o combustível à população”, esclareceu.

“É difícil trabalhar em um contexto de instabilidade política e econômica. Os anos de 1967 a 1982 foram o que chamamos de ‘década perdida’, de sucessivas crises, quando o país esteve parado por quase 20 anos”, afirmou Galano, autor, também, do livro *100 años del petróleo en Argentina*, durante a conferência “Origens e desenvolvimento da indústria petrolífera argentina”, no primeiro dia de AOG 2007.

“Com a reforma dos anos 90, na verdade o período de 1983 em diante, presenciamos não só a abertura comercial, reestruturações e privatizações, mas importantes investimentos em infra-estrutura. Em 1998, por exemplo, conseguimos superar nosso pico de 800 mil barris de petróleo”, disse.

“Infelizmente, não temos grandes descobertas nos últimos anos.

A geologia não nos foi favorável. Mas há grande esperança de sustentar o desenvolvimento do setor pela estabilidade do cenário, algo que não existia no passado. No entanto, ainda é cedo para especular qualquer coisa. É preciso um pouco mais de tempo para avaliar os últimos 20 anos”, ressaltou.

Segundo ainda Galano, a Argentina nunca foi um país petrolífero, dedicado exclusivamente a uma única produção. No entanto, a indústria do petróleo e gás no país é em grande parte responsável pela estabilidade econômica nacional. “Felizmente, para nós, esse cenário atual, de altos preços, nos encontra com uma indústria reestruturada e caminhando para um futuro melhor”, disse.

Uso eficiente de energia

O destaque do segundo dia do Foro Internacional de Energía foi a mesa-redonda “Uso eficiente de energia”, que contou com a participação do presidente do Centro de Tecnologias Aplicadas para a Prevenção de Acidentes (Cetap), Pedro Mulás, do consultor Francisco Mezzadri, e do diretor geral do IAPG, Roberto Cunningham.

“O aumento da eficiência energética é o aumento da produtividade de qualquer produto”, disse o diretor adjunto da Endesa, Ernesto Badaraco, para quem é fundamental que haja uma distinção entre eficiência e economia: “Enquanto a eficiência energética é poder realizar as mesmas tarefas utilizando a mesma energia e sem mudar o nosso modo de vida, a economia é utilizada em emergências e altera toda a nossa qualidade de vida”, explicou, acrescentando que há diferenças entre os programas que surgem em situações emergenciais e os verdadeiros programas de uso eficiente, que nascem com a meta de capacitação, da pesquisa e do desenvolvimento tecnológico.



Nesse sentido, o especialista propôs algumas idéias, dentre elas, gerar um Indicador de Eficiência Energética que permita à indústria saber onde e quando estaremos prontos para realizar as mudanças pertinentes. Para a área de pesquisa, pilar de novas propostas, Badaraco propôs a implementação de prêmios, incentivos e bol-

sas de estudo, como também o financiamento de programas de capacitação.

Desafio criativo

Para Francisco Mezzadri, ex-presidente da Câmara Argentina de Inversores en el Sector Eléctrico (Caise), a chave está na criatividade; o futuro da energia depende de nossa capacidade criativa para encontrar melhores caminhos para a eficiência energética. Ele afirmou que os principais obstáculos que o país enfrenta hoje em termos de eficiência regulatória são as distorções de preços, as normas regulatórias que não estimulam a competitividade dos mercados e a informação pública imperfeita que conduz a decisões equivocadas.

Pedro Mulás, presidente do Cetap, afirmou que “para que um programa de uso eficiente funcione, é preciso fazer parte de um sistema de gestão, ser parte da cultura para que se sustente no tempo. O cenário mundial, e em particular o nosso, é caracterizado pelos preços altos dos combustíveis líquidos e uma crescente escassez dos mesmos. É um grande desafio fazer cada vez mais o uso eficiente dos recursos energéticos disponíveis”, disse Mulás.

“Faltaram, na Argentina dos últimos 30 anos, políticas sérias para o setor energético”, afirmou Mezzadri. “Há aqui certa demora em trabalhar alguns temas, como o uso eficiente da energia. Sobretudo, o que falta é saber qual o regime econômico que teremos, para que as empresas possam saber como se mover. O setor exige investimentos muito altos, que não rimam com incertezas de qualquer tipo”, explicou o executivo.

“Estamos brincando com fogo. Estamos trabalhando no limite e, no entanto, não há grandes novidades, apesar de todos estarem trabalhando para que nada grave ocorra. No entanto, existem limites físicos que não podemos superar. É preciso também que sejam feitos investimentos e garantidos subsídios do Estado, um regime claro e econômico da energia. Sem isso, o futuro da Argentina é muito complicado”, ressaltou Mezzadri.

O segundo dia de AOG ainda contou com a realização da mesa-redonda “Responsabilidade social empresarial”, o lançamento do livro *La responsabilidad social de la industria del petróleo y gas*, e dos indicadores de compromisso com a sociedade para o setor.

Produção das dez maiores operadoras na Argentina

Operador	Petróleo				Gás natural			
	4/2007		05/2007		04/2007		05/2007	
	m³/dia	%	m³/dia	%	Mm³/dia	%	Mm³/dia	%
YPF S.A.	39.268	37,65	39.003	37,62	41.802	29,37	42.906	29,66
PAN AMERICAN	17.240	16,53	16.885	16,29	15.427	10,84	14.756	10,20
CHEVRON SAN JORGE S.A.	8.763	8,40	8.786	8,48	2.673	1,88	2.657	1,84
PESA (PETROBRAS E.S.A.)	8.250	7,91	8.300	8,01	12.595	8,85	13.742	9,50
OCCI DENTAL EXPLORATION INC.	5.630	5,40	5.647	5,45	1.619	1,14	1.614	1,12
TECPETROL S.A.	5.110	4,90	5.099	4,92	4.732	3,32	4.610	3,19
TOTAL AUSTRAL S.A.	4.089	3,92	4.084	3,94	36.883	25,91	37.430	25,88
PLUSPETROL S.A.	2.678	2,57	2.596	2,50	11.987	8,42	12.291	8,50
CAPSA CAPEX	1.995	1,91	1.959	1,89	2.279	1,60	2.308	1,60
PETROLERA ENTRE LOMAS S.A.	1.865	1,79	1.847	1,78	946	0,66	945	0,65

Gás natural

O marco da duplicação da produção de gás natural e as mudanças no consumo foram o destaque do terceiro dia de AOG, com a mesa-redonda "LNG y otras aplicaciones del gas natural". Participaram do debate especialistas do Brasil e Chile, que analisaram, dentre outros itens, as alternativas de comercialização. Na ocasião, o diretor de energia do Paraguai, Fabio Lucantino Rivas, apresentou também o marco regulatório de gás natural de seu país.

Enrique Dávila, gerente geral da Empresa Nacional del Petróleo (Enap) do



Chile, disse que seu país é dependente da importação e enfrenta um desafio para o suprimento de gás natural.

Segundo o executivo, "as reservas provadas têm baixado a uma taxa composta anual de mais de 9% desde o pico alcançado nos anos 2001. Durante dez anos tivemos uma situação boa. Fizemos gasodutos, o que nos permitiu um crescimento econômico, mas essa situação mudou e por isso temos que encontrar soluções", avaliou.

Segundo o executivo, dentre as soluções encontradas está o Terminal GNL Quintero, que foi desenhado como uma solução definitiva – e de respaldo – para a necessidade de gás natural, utilizando a mais avançada tecnologia disponível. Com uma capacidade de 14.000 m³, o Terminal GNL Quintero teve um valor de investimento de US\$ 940 milhões. "Assim se garante o abastecimento de diesel, propano e combustíveis para o funcionamento energético do país", disse.

Fabio Lucantino, diretor de energia do Paraguai, falando em nome do ministro de Minas e Energia paraguaio, apresentou o marco regulatório do gás natural, recentemente promulgado. De acordo



com o executivo, o espírito desse novo marco regulatório surge da necessidade de incentivar novos investimentos em gás natural. O Paraguai tem uma matriz energética altamente renovável e tende a introduzir o gás natural. "Além disso, nossa localização estratégica se converte em um potencial nó comercial e operativo entre os mercados de

energia boliviano, brasileiro e argentino", disse Lucantino.

Disponibilidade de reservas

"Dos 90 países produtores de petróleo, 60 já passaram o *peak oil* (teoria do Pico do Petróleo ou Pico de Hubbert), que proclama o inevitável declínio e subsequente término da produção de petróleo em qualquer área geográfica em questão – e a Argentina está entre estes 60 países", assegurou **Milton Romeo Franke**, da Norse Energy do Brasil Ltda, durante a mesa-redonda "Disponibilidade de reservas sobre o



pico de produção e as alternativas para longo prazo".

Para Franke, há cenários distintos para o longo prazo. "Passando dos mais positivos que asseguram que os novos descobrimentos vão abastecer o crescimento do consumo, até os mais pessimistas que dizem que 'em curto prazo o mundo vai alcançar o *peak oil*'", afirmou.

O executivo da Norse diz que a idéia de escassez está associada também ao preço, já que se a demanda cresce e não há como supri-la, os preços obviamente tendem a subir. "Se a demanda não pode atender, há um problema com o bem-estar das pessoas e isto é um problema para os governos", concluiu.

Diante desse cenário de escassez, entre as possíveis alternativas, Franke destacou a necessidade de fazer investimentos em treinamento de pessoal, em novas tecnologias e em engenharia de produção. Também destacou que é vital reduzir custos e a continuidade de diálogo com os governos. "As oportunidades existem com ou sem *peak oil*. O conceito de *peak*

Futuro profissional

DURANTE A AOG 2007, estudantes de escolas secundárias bonaerenses contaram com uma programação especialmente elaborada com o objetivo de disponibilizar informações sobre o mercado de trabalho do setor.

"Necessitamos cada vez mais de energia e a forma que vamos encontrá-la e desenvolvê-la está nas mãos das gerações futuras", declarou o diretor executivo da Fundação YPF, Silvio Schlosser.

"É de grande importância criar uma ponte entre as escolas e as empresas", disse o vice-diretor da Escola Técnica Otto Krause, Oscar Fígoli.

Sergio Boixados, presidente da Fundación Escuela Técnica Otto Krause, a indústria do petróleo e gás é uma oportunidade. Para ele, existe grande demanda de temas para serem desenvolvidos ainda nos campos da tecnologia.

Durante a oficina, profissionais de várias empresas apresentaram suas experiências. "Temos ainda muitos e muitos anos de perfuração, pesquisa e exploração pela frente", concluiu Roberto Villa, gerente de projetos da YPF.

oil tem que ser entendido pelos governos e pela direção das companhias para que se tomem caminhos alternativos de solução.”

E a demanda ainda nem começou...

Para **Marcelo Martínez Mosquera**, assessor de Energia da Techint, já estão sendo sentidas as consequências do *peak oil*. “Não há nenhuma possibilidade de aumentar a produção”, afirmou, acrescentando que se os investimentos na exploração de poços em nível mundial vão crescendo, a tendência é de maiores investimentos acompanhados de menor produção.

Para Mosquera, a Argentina está com sérios problemas, já que ainda que haja muitas reservas,



não há possibilidade de atender ao crescimento da demanda. “Além do mais, ela ainda nem começou de verdade”, anunciou.

Empresas do Pavilhão Brasil

Garantido programa para exportações da Organização Nacional da Indústria de Petróleo (Onip) e da Agência de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex/Brasil) – que tem como objetivo elevar as exportações do setor petróleo e gás por meio de um conjunto de ações a serem desenvolvidas durante os anos de 2007 (30%) e 2008 (35%) –, o Pavilhão Brasil na Argentina Oil & Gas contou com a participação de dez empresas.

“A AOG é uma feira tradicional e institucional. Não é uma feira de negócios semelhante a outros eventos deste porte. É importante por reunir grande número de

pessoas qualificadas do setor, viés no qual se torna possível avaliar com razoável precisão o ânimo e as perspectivas do mercado”, avaliou o vice-presidente da Coester, **Marcus Coester**.

A Coester foi fundada em 1963, por Oskar Coester, atual presidente da empresa. Nos anos 1970, a empresa se destacou ao desenvolver e fornecer sistemas de automação para navios, entre eles as Cove-tas da Marinha de Guerra e também petroleiros da Fronape. Em 1975, a empresa desenvolveu os primeiros atuadores elétricos para válvulas fabricados no Brasil. Nos anos 1990, com o colapso da construção naval, a empresa foi reestruturada e passou a se dedicar exclusivamente ao mercado de



Seu parceiro em tecnologia de selagem

A EagleBurgmann é referência mundial em tecnologia de selagem. Pesquisas constantes, preocupação com o aprimoramento dos produtos e preservação do meio-ambiente, desenvolvimento de parcerias com os clientes através de contratos de serviços e dedicação especializada de nossos funcionários são os responsáveis por este sucesso.

Além da qualidade de excelência dos selos mecânicos, juntas de expansão, gavetas e acessórios, a EagleBurgmann do Brasil tem à disposição de seus clientes uma rede de centros de serviços distribuídos por todo o país, assim como uma equipe especialmente treinada para transformar suas necessidades em resultados.

Entre em contato e conheça mais sobre a sua empresa parceira em tecnologia de selagem.

EagleBurgmann. do Brasil

Avenida Santo Isabel, nº 1721 - Barão Geraldo | Campinas - SP
Telefone: (19) 3749 9740 Fax: (19) 3749 9742
mailto:br@eagleburgmann.com | www.eagleburgmann.com.br



IAPG comemora 50 anos

ASSIM COMO O Instituto Brasileiro de Petróleo, Gás e Biocombustíveis (IBP), no Brasil, o Instituto Argentino del Petróleo y del Gas (IAPG) comemora, durante a Argentina Oil & Gas 2007, seus primeiros 50 anos de atividade. Criado em 30 de julho de 1957, o então Instituto Argentino del Petróleo (IAP) nascia a partir da seção argentina do Instituto Sudamericano del Petróleo. No ano de 1996, atento ao crescimento da indústria de gás na Argentina, após a desregulação, o Instituto modificava seu nome para IAPG.

“Foram 50 anos de muito trabalho, esforços e desafios”, diz o diretor geral do IAPG, Roberto Cunningham. “O IAPG é, sem dúvida, uma entidade representativa da indústria de petróleo e gás em matéria de educação, divulgação e formação técnica, um dos mais importantes e reconhecidos foros técnicos a nível ibero-americano”, comemora.

As principais atividades do IAPG são a capacitação por meio de um abrangente programa de cursos, congressos e jornadas técnicas, além da difusão de conhecimentos,



por meio de publicações – muitas delas de grande visibilidade, como a revista *Petrotecnia* – e da geração de informação estatística e de exploração por meio do Sistema de Información de Petróleo y Gas (SIPG) e do *Concession Handbook*, informe dos poços exploratórios desde o ano de 2001 e mapa das concessões das bacias no país.

Atualmente, o IAPG conta com mais de 140 empresas associadas e mais de 700 sócios pessoais que cobrem a totalidade dos vários setores e especializações da indústria de petróleo e gás, além das seccionais nas principais zonas de produção na Argentina: Tartagal, Cuyo, Comahue, Comodoro Rivadavia, Río Gallegos e Río Grande. Há também uma filial do IAPG em Houston, EUA.

atuadores e sistemas de controle de válvulas industriais.

Em 1997, assinou importante Termo de Cooperação com a Petrobras, o que proporcionou uma completa reformulação de seus produtos, hoje exportados para diversos países como Venezuela e México. Em 2002, a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) realiza um investimento de retorno variável para a implementação do plano de negócios da empresa. Atualmente, a Coester é líder de mercado no Brasil e exporta cerca de 10% de sua produção. O faturamento previsto para 2007 é de R\$ 12 milhões, com crescimento de 20% em relação a 2006.

“A empresa já trabalha para desenvolver o mercado argentino há mais de dez anos. Tem um distribuidor autorizado na Argentina, onde mantém negócios pontuais. Este mostra-se um mercado mais difícil do que outros da América Latina, apesar das vantagens aduaneiras do Mercosul. As perspectivas de recuperação da economia argentina e respectivos investimentos fazem com que a empresa persista em colocar-se neste mercado. Atualmente, com a valorização do Real, o desenvolvimento de fornecedores naquele

país é uma alternativa promissora", assegurou Coester.

Um bom ano

Segundo o gerente de Negócios Internacionais da Aselco Tecnologia, Jairo Prezzi, 2007 está sendo um bom ano para a companhia. "É marcante o fato de a Aselco ter saído estrategicamente de São Paulo e se localizado em São Carlos. Para nós, é um novo ponto de partida", comenta. "Estamos com alguns negócios em andamento e nossa expectativa é de que eles se concretizem ainda neste ano. É um trabalho que estamos desenvolvendo desde o ano passado e que irá se converter nos primeiros contratos da Aselco na América Latina", diz.

A Argentina será o primeiro país com que a Aselco irá desenvolver uma parceria internacional. "Apesar de estarmos viajando por vários países, aqui as coisas avançaram mais rápido. A empresa tem diversos negócios em andamento para fornecer sistemas de detecção de vazamentos para em outros países, mas o primeiro vai ser na Argentina", ressalta Jairo.

Mudança de foco

Em 2000, a IVC Indústria de Válvulas e Controles partiu para a criação de uma divisão de gás. "Há dois anos, nosso setor de fabricação de válvulas foi vendido, e, como parte do acordo, constava a transferência da marca IVC. Agora estamos mudando para Vanasa Multigas", comentou, durante a Argentina Oil & Gas, o presidente da IVC Multigas, **Walter Luiz Lapietra**.

"A Vanasa era uma firma extre-



mamente tradicional, que também fazia válvulas no passado", explica Lapietra. Agora, estamos fora de válvulas, estamos focados e investindo mais na área de gás, na produção de estações de regulagem e medição, pontos de entrega (*city gates*), além de filtros e aquecedores, antes importados, que foram nacionalizados. Estamos buscando essa especialização e novos negócios nesse segmento", conta.

Walter disse que a companhia ainda não possui negócios na Argentina. "Nossa participação aqui é mais institucional. Nosso mercado não é de exportações. Já exportamos alguma coisa para a Bolívia, mas nosso foco é o mercado local. Mas evidentemente estamos buscando outros



negócios no segmento de gás", diz o executivo.

Em busca de desafios

Fundada em 1985, a Multialloy é uma empresa brasileira que tem 22 anos e vem crescendo nos últimos anos, com forte atuação em diversos segmentos, sobretudo no fornecimento de matéria-prima e peças em ligas especiais e superligas para o setor de óleo e gás. "Tudo que é especial e ninguém quer fazer é um desafio para a Multialloy – desde a nacionalização de peças, melhoria de processos, até a engenharia para desenvolvimento para novos produtos", afirma o gerente comercial da Multialloy Metais e Ligas Especiais, **Fernando Pereira**.

"Fornecemos para os fornecedores da Petrobras. Indiretamente, fornecemos para a Petrobras há muitos anos", ressalta. "É o nosso primeiro ano na Argenti-



A Petrobras na Argentina

COM AS OPERAÇÕES na Argentina, a Petrobras reforça seu posicionamento estratégico de promover a integração energética do mercado do Cone Sul.

A produção de petróleo e gás natural em território argentino é a maior da Petrobras fora do Brasil, totalizando 107, 7 mil barris de óleo equivalente por dia (média de 2006, somando óleo, gás e Líquido de Gás Natural – LGN).

Na distribuição de combustíveis, a Petrobras conta com extensa rede de postos de serviços. Essa ação de desenvolvimento da sua marca consolida o posicionamento da estatal brasileira no mercado argentino – a Petrobras é a quarta maior operadora da Argentina, depois da YPF, da Pan American Energy e da Chevron.

na. Temos um projeto de expandir a empresa para a América Latina. Estivemos recentemente na Colômbia e na Venezuela, e agora na Argentina para fechar um ciclo e definir a estratégia que teremos nos próximos anos para expandir para a América Latina", conta. "A idéia é trabalhar com um representante aqui na Argentina, como acontece em outros países."

Mobilidade e rapidez

Fundada em 1963, na Holanda, a A.Hak é uma empresa que iniciou suas atividades com a construção de dutos. No entanto, hoje, possui extensa gama de atuação em vários setores, com divisões na Europa, África do Sul, nos Estados Unidos (em Houston) e aqui no Brasil, em São Paulo, onde iniciou suas atividades no ano passado.

"Temos um contrato com a Petrobras de inspeção de dutos não pigáveis (que não possuem lançadores e recebedores de pigs), que não permitem inspecioná-los de formas tradicionais. A maior parte dos dutos existentes não foi projetada para pigs. Olhando esse mercado a A.Hak começou a desenvolver, há dez anos, uma tecnologia para inspeção", conta o gerente da A.hak no Brasil, **Paulo Augusto Martinez**.

"É seguramente o *pig* mais flexível no mundo. Com informações *on-line* e em tempo real. À medida que o *pig* vai se deslocando pelo duto, vai enviando as informações para os nossos computadores, e assim que terminamos a inspeção, nossos engenheiros já estão aptos a começar a avaliação de integridade do duto", explica Martinez.

Ele conta que a empresa montou um centro de inspeção em São Paulo e foi inaugurado há mês um

contêiner customizado, completamente fabricado no Brasil. Com todos os equipamentos eletrônicos que a atividade requer para atender a parte de integridade de dutos tanto da Petrobras quanto da Transpetro. "É uma unidade móvel de inspeção, com toda a tecnologia necessária embargada, o que permite nossa maior mobilidade para os terminais e refinarias, além da montagem desses equipamentos em curtíssimo tempo. Em duas horas, já estamos aptos a processar e utilizar o pig instrumentado. Esse é o grande diferencial nosso hoje", comemora.

"A Gávea ainda não fechou nenhum negócio na América Latina, mas está se esforçando para isso", comentou o CEO da GaveaSensors, Luiz Carlos Guedes Valente. "Aproveitamos o evento para reforçar nosso relacionamento junto ao nosso representante, EnviroGroup, dando o apoio técnico que eles necessitam para poder divulgar nossos produtos de forma mais eficiente", disse. "Acreditamos que existem boas possibilidades para nossos produtos na Argentina. Esperamos conseguir ainda este ano definir projetos piloto com mais de uma empresa. Para o futuro de médio prazo temos grande espe-



rança no mercado argentino relacionado à revitalização de campos maduros", projeta ele.

Além do Pavilhão Brasil, nosso país esteve representado na AOG 2007 por outras empresas como Petrobras, Alpina Briggs e Protubo.

"O evento cresceu muito", comenta a coordenadora de Marketing da Alpina Ambiental, Marcela Lopes Calor. "Esta é a ter-

ceira participação da empresa. Neste ano apresentamos os trabalhos que desenvolvemos no exterior, mas, sobretudo na Argentina, onde realizamos treinamentos contínuos na área de combate a derrames de petróleo", conta. Treinamentos, segundo Marcela, reconhecidos por padrões internacionais como o International Maritime Organization (IMO), que regulamenta os padrões marítimos de treinamento e salvatagem. "O First Responder, por exemplo, é uma capacitação que tem como objetivo ensinar os primeiros atendimentos no caso de uma emergência", explica Marcela.

"Também realizamos a formação de agentes ambientais voluntários, com treinamentos teóricos e práticos, visando capacitar as comunidades próximas às unidades petroleiras. Assim, no caso de alguma emergência, a própria comunidade pode ser contratada como mão-de-obra remunerada", comenta.

"Estamos na Argentina Oil & Gas para divulgar a marca das empresas que representamos e para expandir nosso mercado para outras petroleiras além da Petrobras, com a qual já trabalhamos", afirma a coordenadora.

O apagão argentino

A situação do suprimento de energia na Argentina não é nada tranqüila. Sendo que o maior problema está no petróleo, cuja produção não pára de cair. Em 1998, foram extraídos 50 milhões de m³ de óleo. Em 2005, foram 38,5 milhões, queda de 23%. Este ano, entre janeiro e junho, a produção de petróleo total de 18,9 milhões de m³ foi 3,18% menor que no mesmo período de 2005, enquanto a produção de gás, de 25,5 milhões de m³ cresceu apenas 1,51%.

América Latina atrai mercado marítimo

Grupo Beluga Shipping anuncia, durante Argentina Oil & Gas, a criação de escritório em Buenos Aires.

APRESENTANDO INOVAÇÕES como a locomoção das embarcações com velas e vento – um projeto que levou cinco anos para ser desenvolvido e que pode representar uma economia de até 10% a 15% de combustível para as embarcações, a Beluga Shipping, grupo alemão especializado no transporte de cargas muito pesadas, anunciou, durante a Argentina Oil & Gas, a criação de um escritório em Buenos Aires.

“O plano é reforçar a presença no país e contar com representantes locais”, comentou o diretor de vendas da Beluga, o alemão **Kai Stefan Vogel**, em entrevista exclusiva à **TN Petróleo**.



TN Petróleo - Qual o grande diferencial do Grupo Beluga?

Kai Stefan Vogel - O Grupo Beluga é um *tramp shipping* (serviço marítimo fornecido sob demanda específica, sem rota regular e que opera de acordo com as oportunidades do mercado, escalando portos onde haja ofertas de carga) altamente flexível, focado em projetos *heavy-lift cargo* (transporte de estruturas pesadas), ou seja, qualquer objeto que não se encaixe no padrão dos cargueiros. Nós não atuamos em rotas fixas e, assim, nos diferenciamos da grande maioria das linhas marítimas. São poucas as empresas no mundo que possuem essa competência de transportar, se for preciso, uma planta, uma usina completa. A marca do Grupo é uma moderna frota com 47 cargueiros *heavy-lift* multiuso com ida-

de de três anos, enquanto que uma terceira parte das embarcações do setor tem 25 anos ou mais. Nossas embarcações possuem estruturas ajustáveis e guindastes próprios que as fazem independentes da infra-estrutura dos portos. São navios que podem içar e transportar cargas de até 500 toneladas. A nova geração de embarcações, que será posta em serviço até 2010, proporcionará capacidades de carga de até 1.400 toneladas.

Quais os serviços e inovações que estão sendo apresentados na AOG?

Em conjunto com Plate Trade, nosso representante local, estamos presentes na Expo Comex e na Argentina Oil & Gas. A AOG é um espaço ideal para apresentar os serviços do Grupo Beluga. Durante o evento, estamos apresentando os

novos navios P1 (com capacidade de içamento de 800 toneladas) e P2 *series* (capacidade de içamento de 1.400 toneladas) que estarão em serviço até o final de 2008, assim como as novas embarcações I-Type (com capacidade de içamento de 700 toneladas). E também inovações, como a locomoção das embarcações com velas e vento. Este é um projeto que levou cinco anos para ser desenvolvido e que pode representar uma economia de até 10% a 15% de combustível para as embarcações, o que representa menos poluição e maior eficiência. E, obviamente, aproveitando a oportunidade para visitar clientes.

Em que países o grupo possui escritórios ou representantes?

Atualmente contamos com nove escritórios. A sede está em Bremen, Alemanha e nossas filiais em São Paulo, Houston, Roterdã, Shanghai, Pequim, Bombaim, Singapura e Tóquio. Estamos inaugurando nosso escritório em Buenos Aires e logo estaremos também na Austrália. Aqui na Argentina, o Grupo designou a companhia Plate Trade como representante. O plano é reforçar a presença no país e contar com representantes locais.

O que representa o mercado latino-americano para o grupo?

Atualmente, nosso principal mercado é a Ásia – sobretudo a China e a Índia. O foco de nossas atividades mundiais está nessa área. No entanto, a América Latina tem um papel cada vez mais importante. Diversas companhias estrangeiras estão fazendo mais e mais investimentos aqui e percebemos o aumento no número de projetos de grande porte. A América Latina é um dos mais importantes mercados emergentes do mundo. São grandes as expectativas e as perspectivas.

Os especialistas da área energética já prevêem que, até 2008, a Argentina sairá da condição de exportadora para importadora líquida de petróleo cru.

O problema é a falta de investimentos na exploração de novas jazidas de hidrocarbonetos. Estima-se que dos cerca de 990 poços existentes, só 123 são descobertas recentes, a maioria são os chamados 'poços maduros', que sempre produziram e muitos deles já estariam perto do esgotamento.

O setor privado, responsável pela maior parte da atividade, investiu US\$ 1,5 bilhão em 2005 na exploração, enquanto deveriam investir pelo menos US\$ 3 bilhões todo ano, sucessivamente, só para manter um ritmo de expansão do PIB da ordem de 4% a 5% ao ano (menor que o atual).

"Ainda não possuímos negócios na Argentina e vislumbramos uma ótima oportunidade de expandir nossas fronteiras. A Argentina é um mercado em franca expansão e temos convicção de que poderemos competir nesse mercado", comentou **Marcelo Fadigas de Souza**, do Departamento Comercial da Poleoduto, empresa que atua no segmento de óleo e gás, papel e celulose, e química.



"Temos grande expectativa em relação aos negócios que serão abertos em função dos contatos realizados na feira. A feira é, sem qualquer dúvida, um excelente meio para mostrar os produtos e fazer novos contatos, colocando a empresa à disposição de público ultra qualificado e direcionado", disse. "Avaliamos positivamente a feira e temos

intenção de participar da próxima em Buenos Aires."

Para outras empresas, como a PipeWay Engenharia, que já possuem negócios na Argentina, a meta é expandir e atingir todo o mercado do país. "Nosso objetivo para o próximo ano é duplicar os serviços realizados em 2007, assim como expandir ainda mais o nosso mercado em todo o Cone Sul", comenta o diretor-presidente da PipeWay Engenharia, José Augusto Pereira da Silva, o Guto.

A empresa presta serviços em todo o Brasil e em quase toda a América Latina (Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica e Venezuela), fornecendo também ferramentas para parceiros de atuação mundial.

"A economia Argentina cresce hoje em torno de 9% ao ano. Com um mercado em franca expansão, teremos grandes chances de prospectar novos negócios. A malha dutoviária argentina é mais

que o dobro da malha nacional, com isso a solidificação da PipeWay é uma meta firme a ser atingida", explica. "Acabamos de realizar um trabalho bastante produtivo no Chile, estivemos por quase um ano prestando serviços de inspeção com Pig MFL em várias linhas da Enap (Empresa Nacional de Petróleo), com muito êxito. A Enap exige alto grau de qualidade na execução dos serviços prestados."

Segundo Guto, a AOG alcançou as expectativas. "Ao comando do IBP e da Apex Brasil, a organização do Pavilhão Brasil foi satisfatória. O evento como um todo contribuiu muito para o fortalecimento e o reconhecimento da PipeWay na Argentina. Estando mais próximo de nossos clientes, podemos conhecer melhor suas expectativas e, com isso, buscar novas soluções tecnológicas para o aprimoramento da nossa ferramenta."

Cem anos de petróleo na Argentina

A PRIMEIRA DESCOBERTA de petróleo e gás na Argentina aconteceu no dia 13 de dezembro de 1907, na cidade de Comodoro Rivadavia, capital e mais populosa da província de Chubut. Localizada no golfo de São Jorge e considerada a capital argentina do petróleo, Comodoro Rivadavia foi fundada em 1901, prosperou em 1907 com a descoberta de petróleo... quando a procura era de água.

A partir de então, começou o desenvolvimento da exploração de petróleo e com isso o surgimento de uma indústria que possibilitou o crescimento e desenvolvimento do país.

Comodoro recebeu imigrantes bôeres, galeses (estes dois em

maior quantidade que os outros), espanhóis, portugueses, búlgaros, chilenos, bolivianos, paraguaios e italianos. A província de Chubut localiza-se na Patagônia juntamente com Río Negro, Neuquén, Terra do Fogo e Santa Cruz, e é a terceira mais ao sul da Argentina, sendo a segunda a de Santa Cruz, mais ao sul, e a de Terra do Fogo (cuja a capital é Ushuaia, a cidade mais austral do mundo).

O centenário do petróleo e gás encontra a indústria da Argentina em plena atividade e crescimento, com mudanças na legislação que abrem o país para novos processos licitatórios e possibilitam boas oportunidades para as companhias estrangeiras que queiram investir lá.

Entrevista especial

Com **Décio Oddone da Costa** – gerente executivo internacional para o Cone Sul e presidente do Conselho da Petrobras Energia.

Integração energética regional por vias argentinas

por **Beatriz Cardoso**

PRINCIPAL PRODUTORA DE petróleo e gás natural da Petrobras no exterior – um total de 104 mil barris de óleo equivalente por dia, oriundos de 14 blocos terrestres em que a companhia tem participação –, a Argentina confirma sua posição estratégica para a estatal brasileira, que vem consolidando sua atuação no Cone Sul. A Petrobras Energía (Pesa), vem ampliando seus horizontes, dando início a atividades sísmicas em áreas *offshore*, além de buscar agregar novas reservas em solo argentino. “O que fizemos nos dois últimos anos foi mudar o perfil da companhia: ao invés de novas aquisições, incrementamos os trabalhos de exploração, pois a companhia detém uma série de posições em áreas exploratórias na Argentina”, destaca Décio Oddone da Costa, que está à frente da Gerência Executiva Internacional para o Cone Sul. “Este ano começamos a perfurar novos poços e temos a previsão de perfurar outros 20 poços. Aí vamos ver o resultado dessa atividade exploratória, para avaliar a necessidade de novas perfurações”, complementa o executivo, para quem a Argentina é fundamental para a integração energética regional.

No total, o plano de investimentos da Petrobras Energía é da ordem de US\$ 3,4 bilhões nos próximos cinco anos, a maior parte deles na Argentina.

TN Petróleo – Vocês têm tido a oportunidade de usar na Argentina tecnologias consolidadas no Brasil e vice-versa?

Décio Oddone da Costa – Na busca pela ampliação de nossas reservas, estamos levando o que há de mais moderno, não só do Brasil, mas de tudo o que há disponível no mercado internacional. Começamos a fazer as primeiras operações *offshore* na região de Mar Del Plata, em parceria com outras companhias, como a Energía Argentina (Enarsa), Repsol YPF, visando à exploração e petróleo e gás. Estas operações demandam a aplicação de novas tecnologias. Nós ainda estamos na fase sísmica. Quando começarmos a perfurar poço, vamos buscar as tecnologias mais adequadas àquelas condições, assim como fazemos no Brasil. O mesmo se aplica aos projetos para aumentar a produção nos campos maduros: vamos utilizar o que há de mais moderno para poder ver se conseguimos aumentar as reservas e a produtividade dos poços.

Como se dá a relação com o mercado argentino e os fornecedores locais?

É muito boa. Lembro-me que quando começamos a converter os postos da rede Eg3, as vendas aumentaram. Isso sempre ocorre nos países onde, por meio da Petrobras Energía, adquirimos postos de combustíveis – no Uruguai, no Paraguai, na Colômbia. Os resultados provam que a imagem da Petrobras é boa e a nossa expansão regional é bem recebida.

E na área de exploração e produção: as empresas locais têm podido atender às demandas da Petrobras?



Foto: Steferson Faria, Petrobras

O fato de não haver a questão de um conteúdo nacional mínimo facilita as operações?

Cada país tem suas peculiaridades. Não temos grandes dificuldades em contratar na Argentina, pois é um país que tem um mercado maduro, com muitas empresas consolidadas. A Argentina é centenária na área de petróleo. Portanto, não há dificuldade no ponto de vista de fornecimento de bens e serviços.

Dentro deste cenário, quais são os grandes desafios que a Petrobras Energía tem à frente?

A Argentina vem crescendo e, ao crescer, aumenta a demanda de derivados. Com isso, aumenta a necessidade de buscar novas reservas e gerar novos produtos para colocar a disposição dos consumidores. Esse é o nosso principal desafio na Argentina: os nossos esforços estão centrados na busca de reservas e aumento da produção de petróleo e gás. A imagem da Petrobras é positiva e que se reflete na aplicação que ela tem.

Empresas brasileiras participam de encontro na Petrobras Energia

NO ÚLTIMO DIA DA Argentina Oil & Gas, um grupo de empresas brasileiras presentes em Buenos Aires para o evento participou, na sede da Petrobras Energía S/A (Pesa), de um encontro com o gerente de Produtos e Serviços da Petrobras Energía, **José Carlos Caino**, e com o coordenador de Fornecedores, **José Mastrianni**.

"A Pesa faz parte do grupo Petrobras. É uma empresa totalmente integrada. Trabalhamos com toda a cadeia de energia, desde hidrelétricas, termelétricas, refino, petroquímica, exploração e produção. Do ponto de vista de demandas, a Pesa é responsável pela Argentina, Peru e Equador", explicou José Carlos Caino.

Criada com a fusão, em janeiro de 2005, das empresas Eg3, Petrobras Argentina S/A e Petrolera Santa Fé, integrantes do Sistema Petrobras no país, com a gestão centralizada dessas empresas e atividades com a Pesa, a Petrobras assegura sua maior competitividade, eficiência e ação integrada no mercado argentino e se aproxima mais da sua meta de integração energética regional.

Participaram do encontro executivos da Coester, Insmec, Aselco, IVC, A.hak, Poleoduto, GaveaSensors, Multialloy Metais e Ligas Especiais e do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae).

O objetivo do encontro foi debater estratégias para viabilizar uma maior participação do Brasil no mercado argentino. "Nenhum país consegue suprir todas as necessidades de uma empresa petroleira. Existe aquela demanda que é naturalmente suprida pelo país de origem e uma demanda em que a importação de soluções é também natural", comentou Caino.

"Nosso compromisso na Argentina é apresentar as demandas e incentivar a participação do Brasil em



nosso editais, sobretudo os produtos de demanda permanente. Sem privilégios: as empresas é que devem se mostrar competitivas. A inserção delas no mercado depende da criatividade, das análises e das estratégias próprias", explicou o gerente da Petrobras Energía.

Segundo ele, cada país tem uma forma própria de comprar. As empresas sobrevivem desde que sejam competitivas. Ele observou ainda que existem muitos produtos específicos e são poucos os fornecedores. "O mercado, para certos produtos, já está praticamente entre os grandes fornecedores. No entanto, existem demandas que são

fáceis de serem atendidas pelas menores". "Como aconteceu no Brasil, as pequenas e médias empresas da Argentina (as chamadas Pymes) estão se juntando. Essa pode ser uma saída", disse.

Segundo Caino, que a cada apresentação das empresas enumerava as demandas da indústria de petróleo e gás na Argentina, as possibilidades são muitas e as mais variadas.

"Se bem articulada, a Petrobras/Pesa pode ser um excelente mecanismo de acesso ao mercado sul-americano para empresas brasileiras", comentou o vice-presidente da Coester, Marcus Coester. "Esta é uma prática muito comum na indústria dos países desenvolvidos enquanto atuando internacionalmente. É evidente que aspectos básicos como qualidade, tecnologia e preço dos fornecedores brasileiros precisam ser adequados e competitivos. A reunião com a gerência da Petrobras foi muito positiva, no sentido de estabelecer uma diretriz favorável aos fornecedores brasileiros", ressaltou o executivo.

Promovida pela Organização Nacional da Indústria do Petróleo (Onip), em parceria com o Sebrae, Agência de Promoção de Exportações do Brasil (Apex) e o Programa Nacional de Mobilização da Indústria do Petróleo (Promimp), está agendada para março de 2008 a realização da Missão Brasileira na Argentina. ■

